



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências da Educação - ICED  
Faculdade de Educação - FAED  
Curso de Pedagogia

INGRID SILVA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA PENSAR A EDUCAÇÃO  
POPULAR NAS PERIFERIAS URBANAS**

BELÉM/PA  
2019.

INGRID SILVA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA PENSAR A EDUCAÇÃO  
POPULAR NAS PERIFERIAS URBANAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Pará como parte dos requisitos para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

**Orientadora: Dr<sup>a</sup> Rosely Risuenho Viana.**

**BELÉM/PA**

**2019**

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiramente, **a Deus**, meu pai Lembá, que desde sempre esteve comigo em todos os caminhos que tive durante toda minha trajetória acadêmica e da vida. Axé para todos que acreditam no poder de Deus e de sua sabedoria.

À minha mãe, **Dona Socorro**, que sempre lutou incansavelmente pela minha educação e felicidade, me apoiando em todos os momentos possíveis, obrigada por ser essa pessoa de luz na minha vida. Amo você, mãe.

Aos meus familiares que estiveram comigo durante todo esse período que foram fundamentais no meu processo de escolhas.

À minha amada companheira, **Gabriela Esther**, que desde sempre me ensinou a ser uma pessoa melhor, mais justa e solidária. Obrigada por dividir e compartilhar essa vida ao meu lado, pelo companheirismo e dedicação diariamente. Amo você, vida.

Aos meus amigos e amigas, que me apoiaram e me ajudaram em muitos momentos, gratidão pelas conversas e afetos compartilhados durante todo este processo.

À professora, orientadora e amiga, **Dr<sup>a</sup> Rosely Risuenho** pela enorme ajuda e paciência durante todo esse caminho. Nossas conversas e reflexões me trouxe até aqui, gratidão e muito axé para você.

À professora, **Dr<sup>a</sup> Luanna Tomaz**, por ter aceitado fazer parte desse grande e enorme passo se tornar realidade, meu muito obrigada por todo carinho e atenção que compartilhamos a algum tempo. Gratidão.

À **Ana Daniele Mendes**, grande companheira. Obrigada por compartilhar mais um importante momento da minha vida. Tua amizade foi um dos grandes presentes para mim.

À todas as pessoas que acreditam na mudança das pessoas por meio da educação, e que sabem da importância dos Direitos Humanos neste momento tão delicado que o país vive. Vocês, sem dúvida, me fortaleceram para continuar este trabalho.

Dedico a todos que fizeram parte dessa construção, principalmente minha mãe Socorro e minha companheira Gabriela.

*“O que dá grandeza às universidades não é o que se faz dentro delas.*

*É o que se faz com o que elas produzem.”*

*Florestan Fernandes*

INGRID SILVA DOS SANTOS

**AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA PENSAR A EDUCAÇÃO  
POPULAR NAS PERIFERIAS URBANAS.**

BANCA EXAMINADORA

---

**Prof Dr<sup>a</sup> Rosely Risuenho Viana (Orientadora)**

**Instituto de Ciências da Educação - ICED**

**Universidade Federal do Pará - UFPA**

---

**Prof Dr<sup>a</sup> Luanna Tomaz de Souza**

**Instituto de Ciências Jurídicas - ICJ**

**Universidade Federal do Pará - UFPA**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms<sup>a</sup> Ana Daniele Mendes**

**Centro de Ciências Sociais e Educação - CCSE**

**Universidade Estadual do Pará - UEPA**

**Aprovado em: 10/01/2019**

**Conceito: EXCELENTE.**

# **AS CONTRIBUIÇÕES DE PAULO FREIRE PARA PENSAR A EDUCAÇÃO POPULAR NAS PERIFERIAS URBANAS.**

**Ingrid Silva dos Santos**  
ingridssantos02@gmail.com  
Universidade Federal do Pará

## **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo apresentar as contribuições da teoria de Paulo Freire para repensar a estruturação da educação, a implementação da educação popular que visa a emancipação das massas populares, tendo como foco entender de que forma a teoria freireana pode contribuir para a emancipação da população periférica através de uma educação periférica com a finalidade de analisar e correlacionar a teoria freireana com as áreas de periferias urbanas visando evidenciar a influência de Paulo Freire na construção de uma educação libertária, emancipatória e popular. A pesquisa bibliográfica é utilizada como ferramenta metodológica que auxiliou na busca de possíveis respostas acerca do método freireano como ferramenta de fortalecimento emancipatório das periferias urbanas. Este artigo pode concluir que Paulo Freire estabeleceu categorias que foram essenciais para o direcionamento da educação popular como instrumento que visa a conscientização e emancipação do ser humano oprimido pelas relações capitalistas e que atualmente se encontram localizados principalmente nas periferias urbanas.

**Palavras-chave:** Educação; Educação Popular; Emancipação; Periferias Urbanas.

## **ABSTRACT**

This work aims show the contributions of Paulo Freire's theory to rethink the structuring of education, as the implementation of popular education aimed the popular masses' emancipation with the intention of analyzing and correlating Freirean theory with the urban peripheral areas planning show his influence in the construction of a libertarian, emancipatory and popular education. Is used a bibliographical research as a methodological tool that supported the search for possible answers about the Freirean method as a tool for emancipatory strengthening of the urban peripheries. This article conclude that Paulo Freire established categories that were essential for the direction of education as an instrument that aims the critical consciousness and emancipation of the human being oppressed by capitalism' relationships, that are nowadays mainly found in urban peripheries.

**Key Words:** Education, Popular Education, Emancipation, Urban Peripheries.

## 1. APONTAMENTOS INICIAIS

Este trabalho tem como foco de estudo apresentar as contribuições para a educação na perspectiva do método de Paulo Freire e suas categorias de análise que são abordadas em eixos como: educação, educação popular e emancipação.

As categorias são de fundamental relevância para efetivar a possibilidade de se compreender a educação como um processo de emancipação do indivíduo. Para Paulo Freire, é imprescindível pensar em educação e não pensar em emancipação, pois para ele são categorias que estão relacionadas diretamente com a construção do ser social. O processo de emancipação está relacionado também com o contexto econômico, uma vez que há intencionalidade política na construção educacional do indivíduo.

Para tanto, a educação é entendida como processo de conscientização que tem como consequência a liberdade do indivíduo em entender os diversos tipos de opressão que possam agir sobre sua vida, com base em sua condição material e social de existência. O processo educacional é entendido como prática de liberdade, uma vez que exerce o poder de transformação na vida de cada um. Tais categorias serão desenvolvidas no decorrer deste trabalho como forma de aprofundar o debate sobre a educação popular voltada para as periferias urbanas.

A educação popular tem sido debatida, desde a década de 50 do século passado, como um instrumento de transformação social de muitos indivíduos. Indivíduos que possuem dificuldades ou limitações dentro de sua trajetória educacional. São mulheres, negros e negras, idosos que não tiveram acesso a educação, ou até mesmo, não conseguiram alcançar os níveis da educação básica através da escolarização. Logo, a educação popular é entendida como processo de emancipação do ser humano através da convergência entre saberes populares e conhecimentos científicos.

Um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem os setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular, teoria ainda não conhecida

pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário (GADOTTI, 2015, p. 4).

É importante destacar que foi no período da ditadura, no qual, o acesso à educação era dirigido aos grandes empresários, militares e classes sociais privilegiadas que se desenvolveu a iniciativa de compreender o mundo através de conhecimentos oriundos da própria experiência cotidiana das classes populares. Dessa forma, a educação popular nasceu. Através do esforço mútuo e das lutas civis que surgiram dentro e fora do Estado e fomentaram uma contraposição à ordem socialmente hierarquizada já estabelecida.

As periferias foram surgindo como um aglomerado de pessoas que tinham seus direitos negados e foram estabelecendo-se às margens das grandes cidades. Porém, anteriormente eram determinadas apenas por sua posição geográfica no espaço urbano, como um fenômeno que surgia nos arredores de grandes centros. Atualmente, são conceituadas cada vez mais por outros demarcadores de análise que a determinam para além do local espaço-geográfico que ocupam, mas segundo também o contexto social, político e econômico em que se encontram. Ritter (2009) afirma que:

As periferias são caracterizadas cada vez mais por outros contextos, não aqueles mensuráveis simplesmente por quilometragem ou marcação de anéis, coroas ou outro qualquer representativo geométrico, contextos esses alicerçados nas condições e contradições econômico-sociais dos seus moradores, pelas infraestruturas existentes, pelas territorialidades estabelecidas e reestabelecidas, enfim, pelas suas espacialidades (RITTER, 2009, p. 22).

Sendo assim, a periferia se tornou um espaço que agrega pessoas que são excluídas da ordem estabelecida pelo capital, criando um grupo de sujeitos que vivem à margem da sociedade, na qual se encontram desprovidas do acesso à educação, ao saneamento básico, à saúde, ao lazer, à segurança etc.

Por isto, as periferias se tornaram espaços de resistência onde são evidenciadas profundas contradições socioeconômicas decorrentes do seu processo de formação e características próprias considerando as diversas regiões do Brasil. Segundo William Soto (2008, p. 84), a periferia enquanto tal se constitui em negação

do progresso e da emancipação social “prometidos” pela modernidade e pela urbanização.

Tendo em vista que as periferias são territórios utilizados como objeto de práticas dominantes decorrente das relações de classes impostas pelo contexto político e econômico, pode-se concluir que são *locus* privilegiados das evidências e consequências da acumulação de capital e do controle social, cujo resultado é a reprodução segregada das diferentes classes sociais e frações distribuídas de forma desigual no território, gerando assim, esse espaços excludentes, como as periferias urbanas.

Sendo assim, de que forma a teoria freireana pode contribuir para a emancipação da população periférica através de uma educação popular? Para isso, propõem-se analisar como a educação popular atende às necessidades educacionais das periferias urbanas tornando possível, assim, a implementação de uma educação popular emancipatória com teor revolucionário; uma educação libertadora a dotar a massa de poder crítico, “[...] desvestida da roupagem alienada e alienante [...]” (FREIRE, 1987, p. 36) como “[...] uma força de mudança [...]” (FREIRE, 1987, p. 36), para que as periferias urbanas possam vivenciar a transformação social por meio dessa perspectiva educacional.

O eixo principal é analisar os elementos da teoria freireana como base teórica deste artigo para assim compreender a influência deste autor sobre a educação nos tempos atuais nas periferias urbanas. Primeiramente, apresentar como Paulo Freire vê a estrutura da educação e quais as mudanças que ele propõe. Em seguida, indicar a proposta de educação popular apontada por Freire e por fim, relacionar a educação popular com as periferias urbanas visando a emancipação das pessoas que vivem neste território.

O processo de escolha deste tema se deu em virtude da minha trajetória acadêmica na Universidade Federal do Pará (UFPA) através do curso de graduação em Pedagogia, mas, sobretudo, e de minha inserção nos movimentos sociais e da minha própria condição de habitante do bairro onde resido, na Terra Firme. O bairro tem 61.439 habitantes (IBGE, 2010) e está entre os 10 mais populosos da capital paraense e a maioria da população, 36.966, de acordo com o Censo 2010, se autodeclara da cor parda. De acordo com o coletivo Tela Firme , baseados no

estudo Cartografia Social da Terra Firme (2013), realizado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA, o bairro possui, 100 templos evangélicos, 7 igrejas católicas, aproximadamente 20 espaços de culto afro-religioso e um centro espírita.

A Terra Firme tem 3 feiras ao ar livre e 100 pontos de venda de açaí in natura, o que representa uma das principais atividades comerciais da localidade, perdendo apenas, em números, para a presença de tabernas. O bairro tem 12 linhas de ônibus e 7 pontos de mototáxi. Há 2 creches, uma pública e outra privada, 14 escolas particulares, 2 universidades federais (Universidade Federal Rural da Amazônia e UFPA, cuja área também engloba também os bairros do Guamá e Universitário) e é onde se encontra um dos maiores colégios eleitorais de Belém, situado na Escola de Aplicação, na avenida Perimetral, uma das principais vias do bairro.

Na Universidade, tive a oportunidade de atuar como bolsista no Grupo de Pesquisa “Includere” que promove estudos e debates acerca das violências contra crianças e adolescentes, e a inclusão das crianças em situações de deficiência e, em 2016, atuei como bolsista e colaboradora na primeira Clínica de Atenção à Violência do país localizada no Núcleo de Prática Jurídica da UFPA, no qual é feito atendimento jurídico humanizado a pessoas com que sofrem diversos tipos de violências. Pude compartilhar experiências e debates que me fizeram enxergar a necessidade de entender a teoria de Paulo Freire para buscar compreender de que maneira poderia vir a intervir na sociedade periférica.

Além disso, este tema tem grande importância para o debate acadêmico, pois apresenta elementos essenciais para refletir acerca de uma educação emancipadora, além de fomentar os princípios norteadores das universidades públicas brasileiras, em específico a UFPA, nos três eixos que se articulam: ensino, pesquisa e extensão. Eixos importantes para compreender como as pessoas podem produzir conhecimentos e articulá-los junto às comunidades, sobretudo as periféricas. Além de estabelecer uma conexão permanente entre a população e a academia. Tais conexões são vistas em Paulo Freire como fruto da educação emancipadora.

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir para as três perspectivas que a universidade reivindica (ensino, pesquisa e extensão), mas também colaborar com a formação de professores que possuem responsabilidade social com a educação emancipatória do indivíduo.

Para o desenvolvimento deste trabalho, fez-se utilização de pesquisa bibliográfica como principal elemento para fundamentar as reflexões, nos termos propostos por Severino (2007):

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos dos textos (SEVERINO, 2007, p. 112).

A partir desse pressuposto, este texto baseia-se fundamentalmente na obra de Paulo Freire, tendo enfoque principal os trabalhos intitulados: *Educação como Prática da Liberdade*, *Educação e Política*, *Pedagogia do Oprimido*, *Conscientização*, *Que Fazer*, dentre outras produções como artigos acadêmicos, publicações em revistas, entrevistas.

Assim, na primeira parte deste artigo, intitulada “Paulo Freire e a Educação” será abordada a caracterização da educação formal apresentada pela teoria freireana e as suas contribuições para repensar essa educação. Em seguida o tópico “Paulo Freire e a Educação Popular” busca analisar de que forma Freire pensa a Educação Popular e como ela pode ser útil para a sociedade brasileira. Posteriormente, sob o intertítulo “Educação Popular e Emancipação nas Periferias Urbanas” serão apresentadas as categorias extraídas dos tópicos anteriores fazendo a articulação com as periferias urbanas, com objetivo de apresentar a influência freireana para a emancipação da população e, por fim, as considerações finais sobre o tema desenvolvido durante este trabalho.

## 2. PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO

Paulo Freire nasceu em Recife no ano de 1921. Formou-se em Direito pela Universidade Federal de Pernambuco, porém não seguiu a carreira da advocacia. Foi professor de português, assumiu o cargo de diretor de departamento de Educação e Cultura na sua cidade, esteve como professor de história e filosofia durante alguns anos na UFPE, participou como presidente na Comissão Nacional de Cultura Popular e coordenou o Plano Nacional de Educação de Jovens e Adultos no período do governo de João Goulart.

No período ditatorial, Paulo Freire foi acusado de subversão e por isso, exilou-se do país durante 15 anos. Vivenciou o ditatorial fora do país construindo o método de ensino cujo objetivo era emancipar os indivíduos através da educação. Dessa forma, ele foi referência no Movimento de Cultura Popular de Recife, assim como obteve reconhecimento internacional em diversos países como Chile, Suíça, Tanzânia e Guiné-Bissau. Após exílio político foi reconhecido pela sua contribuição na área educacional. Foi secretário municipal da educação na cidade de São Paulo, assim como desenvolveu pesquisas nas universidades de São Paulo. Em 1997, faleceu deixando um legado inestimável para o modelo de educação emancipatória e libertadora, o qual este trabalho toma como fundamentação e análise.

A educação é entendida em *lato sensu* como um processo de transmissão de conhecimentos, que tem como ponto de partida o convívio com as primeiras pessoas que fazem parte do ciclo familiar e se perdura através das mais diversas instituições. É transmitida por meio de ensinamentos relacionados diretamente com os valores e saberes de cada lugar. Sabe-se que o significado da palavra educação assume diversas concepções e formas de conceituação. Segundo o dicionário Michaelis (2018), a educação possui significados como: o ato ou processo de educar(-se); Conjunto de métodos próprios a fim de assegurar a instrução e a formação do indivíduo; ensino. Neste sentido, a educação pode possuir um caráter abrangente que engloba toda e qualquer forma de transmissão de conhecimento que vise a formação e a instrução do indivíduo em sua totalidade.

No dicionário Aurélio da Língua Portuguesa encontra-se o significado como “Dar educação a, criar e adestrar (animais), cultivar (plantas), adquirir os dotes

físicos, morais e intelectuais que dá a educação.”, nesta definição está presente a ideia de que o ato de educar não só transmite como também o outro lado adquire uma informação, uma formação, podendo ser ela moral, fisiológica e/ou intelectual.

Logo, a educação é compreendida como um importante instrumento de transmissão de conhecimentos que advém de várias formas de aprendizagem presentes desde os períodos mais antigos até os dias de hoje. Para Paulo Freire, a educação pensada nesses moldes é classificada como Educação Bancária tendo como principal característica o caráter meramente narrador e dissertador “A tônica da educação é preponderantemente esta – narrar, sempre narrar.” (FREIRE, 1987, p. 33).

O fato de a educação bancária ser pautada pelo ato narrativo implica o papel do educador como narrador de conteúdos que devem ser absorvidos pelos estudantes, que, como ouvintes, devem guardar essas informações e assim preencher o vazio intelectual. Assim diz Freire (1987):

Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vá “enchendo” os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão (FREIRE, 1987, p.33).

Desta maneira, a educação é largamente compreendida pela sociedade como um ato de depositar conhecimentos em seres humanos vazios que necessitam dessa prática para poder preencher o seu interior com informações necessárias para a sua existência em sociedade.

Como resultado desse mecanismo educacional “bancário”, os educandos condicionam-se e limitam-se a memorizar as informações que lhes são repassadas, guardá-las e arquivá-las como grandes colecionadores de conhecimento. Não há o ato autônomo de produção de conhecimento, apenas há espaço para repetições. Não é possível refletir sobre temáticas ou o ato de criar novos conceitos ou objetos. O papel dos educandos é limitado, chamado por Freire (1987) como situação alienante.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de

alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro (FREIRE, 1987, p.34).

Freire (1987) toma como posição em relação a este modelo de educação como algo que nega a educação e o conhecimento como procedimento de busca, como fruto da autonomia do sujeito. Afirma que por os indivíduos serem visto como pessoas que precisam receber essa doação, sucede a ideia de que eles precisam ser ajustados a sociedade, adaptados ao meio por via da formação que recebem.

O que decorre disto é que o método bancário não estimula a criticidade dos educandos favorecendo a ação dos opressores, “mudando a mentalidade dos oprimidos ao invés de mudar a situação opressora” (BEAUVOIR, 1963) que trabalham para manter este modelo como vigente pois “quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, à realidade parcializada nos depósitos recebidos” (FREIRE, 1987, p.34), por conseguinte, não questionam a realidade em que estão inseridos.

Assim, podemos entender a educação bancária como um método que anula qualquer tipo de conhecimento que os alunos possam ter durante sua trajetória de vida, assim como suprime sua participação na sala de aula de forma autônoma e, automaticamente, crítica.

Paulo Freire aponta que no decorrer da implementação da educação nos moldes “bancária”, existe a possibilidade dos educandos perceberem as contradições presentes nos conhecimentos repassados por uma narrativa uniformizada e que encoberta as contradições com uma roupagem exteriorizada e camuflada da realidade. Este “despertar” é fruto do contraste existente entre a realidade vivida pelo ser humano e o que é “depositado” por meio da educação. A realidade os leva a fazer as conexões entre as relações presentes no seu cotidiano por meio de uma vocação ontológica de humanização que evidencia as lacunas da sua formação e os leva a questionar a sua “domesticação”.

Porém, para o pensador, o educador não deve se limitar a possibilidade do acontecimento deste “despertar”, pelo contrário, deve fomentar a busca dos educandos por questionamentos sobre a realidade e sobre o que tem absorvido por via educacional. Por isto, a primeira proposta de mudança de ruptura da educação nos moldes “bancária” é depositada sob a postura do educador.

A teoria freireana rompe com o papel do educador como narrador e depositário de conhecimentos e propõe uma nova roupagem a conduta. Para Freire, o educador deve promover um espaço de comunicação por via de diálogo entre ele e os educandos pautados na leitura e interpretação da realidade incorporadas na produção do conhecimento.

Por isto, o pensar daquele não pode ser um pensar para estes nem a estes imposto. Daí que não deva ser um pensar no isolamento, na torre de marfim, mas na e pela comunicação, em torno, repitamos de uma realidade. E, se o pensar só assim tem sentido, se tem sua fonte geradora na ação sobre o mundo, o qual mediatiza as consciências em comunicação, não será possível a superposição dos homens aos homens (FREIRE, 1987, p.37).

A segunda mudança proposta é na fundamentação desta educação que, ao invés de buscar adaptar os homens a viver em sociedade, visa a libertação dos homens para transformar a sociedade em que vivem. Esta educação, não deve reproduzir e nem utilizar os métodos da educação “bancária”, ela deve propor novas formas de socializar os conhecimentos sempre visando a libertação autêntica que consiste em um processo de humanização, através da ação e reflexão sobre mundo para assim, transformá-lo.

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência especializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como ‘corpos conscientes (FREIRE, 1987, p. 38).

Esta educação problematizadora, libertária, trata da tomada de consciência como uma consciência intencionada do mundo, onde os sujeitos (educador e educando) tomam consciência de si próprios, consciência do mundo e consciência da consciência: A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica (FREIRE, 1979, p.15).

Portanto, ao conhecer a realidade, o sujeito não finaliza o processo libertador, pelo contrário, a realidade como objeto a ser conhecido se torna mediatizador da relação dialógica entre os sujeitos, exigindo-se a superação do papel de transmissor

e receptor de informações, para dar lugar ao papel de seres cognoscentes. Em síntese, Paulo Freire apresenta as diferenças entre as duas propostas de educação no seguinte excerto:

O antagonismo entre as duas concepções, uma, a “bancária”, que serve à dominação; outra, a problematizadora, que serve à libertação, toma corpo exatamente aí. Enquanto a primeira, necessariamente, mantém a contradição educador-educandos, a segunda realiza a superação.

Para manter a contradição, a concepção “bancária” nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica; para realizar a superação, a educação problematizadora – situação gnosiológica – afirma a dialogicidade e se faz dialógica (FREIRE, 1987, p. 39).

Portanto, pode-se afirmar que Paulo Freire debruça-se sobre o tema e apresenta uma educação com métodos diferentes, com uma fundamentação diferente, objetivos diferentes e sujeitos diferentes da educação bancária. Ele se dedicou a formular uma educação que pudesse possibilitar aos homens uma conscientização que, para além de entender, compreende o mundo em que se insere e sentindo-se parte dele, propõem-se a transformá-lo. Por isso, esta proposta é apresentada como educação libertadora, pois ela pretende libertar os homens da mistificação do mundo pintada pela educação bancária.

Tal noção de educação contribui para implementar-se projetos educacionais mais específicos que, pautados nesta estrutura apresentada, visam a libertação de sujeitos por meio da educação, evidenciando a função social exercida pela educação pautada neste molde. Segundo Lima (2013) a educação assume esta tarefa social de despertar no homem a consciência de si e do outro no mundo, contribuindo, de forma relevante, para o seu crescimento formativo e informativo, favorecendo o seu exercício ativo em todos os processos de sua história.

Consequentemente, a educação, cuja finalidade maior é a de elevar o homem à categoria de sujeito de sua própria história em construção, mediatizada pela compreensão, interpretação e crítica da realidade, pode desfazer as caracterizações reducionistas dessa realidade histórica vivida, levando em consideração as relações que dela provém e que possui essencialmente um carácter multidimensional.

### 3. PAULO FREIRE E A EDUCAÇÃO POPULAR

Segundo Streck (2009), a primeira vez que se propôs uma forma de educação popular no seio brasileiro foi durante o século XVIII se perdurando até meados do século XX, com o objetivo de suprir demandas evidenciadas nas crises que o país estava atravessando. Nesse primeiro contexto, a educação popular era compreendida como uma ação política que visava a expansão do acesso a educação para as massas populares por meio de uma força tarefa de “democratização” da escola básica.

Essas iniciativas governamentais de disseminação do ensino partiram de uma preocupação de carácter quantitativo que visava a ampliação da participação popular nas eleições, tendo em vista que o voto direto estava limitado à população alfabetizada. Isto gerou a necessidade de estabelecer sistemas educacionais, expansão de escolas primárias e movimentos de alfabetização de jovens e adultos por todo o território brasileiro.

É em meados do século XX, durante a década de 60, que o termo “educação popular” ganha outra conotação, ligada diretamente a premência da participação política das massas populares partindo da conscientização, passando a ser relacionada como “uma educação do povo, pelo povo e para o povo” (SAVIANI, 2013, p.317), rompendo com o raciocínio da educação pensada pelas elites para o povo.

Estávamos convencidos, com Mannheim, de que ‘à medida em que os processos de democratização se fazem gerais, se faz também cada vez mais difícil deixar que às massas permaneçam em seu estado de ignorância’. Referindo-se a este estado de ignorância, não apenas, ao analfabetismo, mas à inexperiência de participação e ingerência delas, a serem substituídas pela participação crítica, uma forma de sabedoria. Participação em termos críticos, somente como poderia ser possível a sua transformação em povo, capaz de optar e decidir (FREIRE, 1967, p. 103).

Neste sentido, surgiram várias propostas inovadoras no terreno educacional tendo como objetivo, a transformação das estruturas sociais para que o país pudesse avançar em direção do progresso pautado na emancipação popular e valorização da cultura do povo. Para pensar a Educação Popular nestes pilares é

necessário pensar o legado de Paulo Freire e sua insistência na construção de uma educação do povo e para o povo, que permita uma leitura da realidade na ótica do oprimido. Uma educação que proporcione a conscientização e a libertação do oprimido valorizando a cultura popular.

Entendo a educação popular como o esforço de mobilização, organização e capacitação das classes populares; capacitação científica e técnica. [...] É preciso transformar essa organização do poder burguês que aí está, para que se possa fazer escola de outro jeito (FREIRE, 1993, p. 19).

Para ele, a importância de instaurar a educação popular não se resumia ao caráter de capacitação funcional do povo, mas era visto como uma educação libertadora capaz de equipar as massas populares para lutar contra a imposição das relações opressoras oriundas do sistema capitalista. Para isto, Freire defende um “outro jeito de fazer escola” e um dos princípios originários da educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia baseada no profundo respeito pelo senso comum, que trazem os setores populares em sua prática cotidiana. “Nesse sentido, essa é uma forma de conhecimento pela via do corpo. E o intelectual pode se enriquecer e aprender com essa forma de conhecimento” (FREIRE, 1993, p. 24).

A estrutura da educação pensada por Freire está presente na teorização da prática da educação popular partindo de práticas elaboradas na experiência com o povo excluído, a partir de diálogo revela uma defesa pedagógica baseada na atividade direta com as classes populares e na defesa de sua necessidade de emancipação social.

“Munir escolas, alunos, professores e comunidade de linguagem crítica e esperança é tarefa que brota da Educação Popular” (GHIGGI, p. 116) é com esse propósito que Paulo Freire formula a educação popular como um processo de aquisição de conhecimento que possibilite os indivíduos excluídos a adquirir a capacidade de compreender o funcionamento da sociedade na qual estão inseridos, compreender sua localização nesta e promover uma postura criticamente consciente a partir do reconhecimento e da conscientização.

Segundo o educador, sair da condição de oprimido não é simplesmente deslocar-se para a função de opressor, mas propor uma nova relação social em que

haja igualdade entre homens e mulheres projetando um bem comum. Partindo dessa premissa, Paulo Freire almeja por uma Pedagogia Libertadora, produtora do diálogo permanente, fruto do processo que é por natureza dialética. Propõe uma Pedagogia dialógica na qual parte da problematização da realidade dos educandos para a finalidade de intervenção no mundo. A Educação Popular, dessa forma, é pautada na dialogicidade. A partir das contradições da realidade capitalista vivida por homens e mulheres, o conhecimento é construído e reconstruído à medida do desvelamento do vir a ser na construção do saber realizado no processo de conscientização e na condição de seres históricos e inacabados (MACIEL, 2011, p. 327).

Através da aplicação do método de ensino e pesquisa que parte da leitura da realidade (leitura do mundo), da observação participante. Parte do concreto, o mundo vivido dos sujeitos e os setores populares são utilizados como mediatizadores do diálogo entre os sujeitos. Conforme evidencia-se no nesta citação:

A de travar relações permanentes com este mundo, de que decorre pelos atos de criação e recriação, o acrescentamento que ele faz ao mundo natural, que não fez, representado na realidade cultural. E de que, nestas relações com a realidade e na realidade, trava o homem uma relação específica — de sujeito para objeto — de que resulta o conhecimento, que expressa pela linguagem (FREIRE, 1997, p.35).

O processo de ensino-aprendizagem é, portanto, inseparável da pesquisa, da cultura popular e da participação da comunidade na construção do conhecimento, pautado na formulação de uma teoria crítica fundamentada em um viés antropológico que propõe o ser humano como um ser inacabado, incompleto, inconcluso, por esta razão somos programados para aprender, a complementar nossos conhecimentos, compartilhando aprendizagens existenciais e teorizando acerca da *práxis* para que se possa por fim ser capaz de mudar o meio.

E se já pensávamos em método ativo que fosse capaz de criticizar o homem através do debate de situações desafiadoras, postas diante do grupo, estas situações teriam de ser existenciais para os grupos. Fora disso, estaríamos repetindo os erros de uma educação alienada, por isso instrumental (FREIRE, 1967, p. 106).

Outro viés diferenciador é que para a educação popular é preciso focar na importância das condições de aprendizagem, analisando-a passo a passo, compreendendo as etapas e sempre com ênfase nos processos e não nos resultados como critério da eficácia. O objetivo central do método educacional proposto por Freire deve girar em torno da produção (desenvolvimento) e não meramente como transmissão e absorção de conhecimentos.

Paulo Freire também defende que uma educação como prática da liberdade depende diretamente do contexto político, uma vez que, pautar este modelo de educação requer um ambiente democrático que possibilite o livre debate, que possibilite a instalação de instituições que tenham como objetivo diminuir a desigualdade oriunda da relação opressor-oprimido.

Para tanto, é necessário que haja uma harmonização entre o formal e não-formal. O direito à educação não é apenas direito de ir à escola, mas direito de aprender na escola e ter acesso às oportunidades de educação não formal (cinema, teatro, esporte, cultura, lazer e outros), o que nos leva a condição de ter uma ciência educacional aberta aos saberes populares assim como às necessidades populares. O critério demarcador da qualidade da produção educacional deve ser medido por sua relevância social.

Portanto, a educação popular pensada nesses moldes deve ser entendida como direito humano, direito de emancipar-se, combinando trabalho intelectual com trabalho manual, reflexão e ação, teoria e prática, conscientização e transformação, a organização, o trabalho e a renda (economia popular solidária). A utopia como verdadeiro realismo do educador, opondo-se ao fatalismo neoliberal que nega o sonho de outro mundo possível.

Atualmente, uma das marcas mais presentes da educação popular está evidenciada na educação de jovens e adultos. A classe trabalhadora se empenha para superar suas condições de vida (saneamento básico, moradia, educação, transporte, emprego entre outros) que estão no alicerce do problema do analfabetismo. A falta de emprego, salários baixos e condições precárias de vida corrompem o processo educacional do sujeito.

A educação popular tem-se formado diante da problemática teórica que trata de codificar e decodificar os temas geradores das lutas populares, busca colaborar

com os movimentos sociais e os partidos políticos que expressam essas lutas. Busca minimizar o impacto da crise social na pobreza, e de dar autonomia aos sujeitos para manifestar a sua indignação enquanto ser oprimido, indígena, camponês, mulher, negro, analfabeto e do trabalhador industrial.

Existem diversas possibilidades de implementação da educação popular, influências teóricas estão presentes, como a obra de Paulo Freire, em muitas práticas educativas, dentre elas é possível citar alguns exemplos como a visão da educação como produção e não meramente como transmissão do conhecimento, além de lutar por uma educação emancipadora que questiona a cultura vigente a qual, necessariamente, esconde um momento de dominação e, o mais importante, que é utilizar a educação em defesa da liberdade dos sujeitos.

A quantidade de contribuição provinda da educação popular, hoje se faz presente pelo mundo, como norteador teórico, colocando-a num plano diferente da educação tradicional, bancária, e a educação como finalidade meramente funcional, nos mostra que a intervenção é concreta na *práxis* pedagógica. A educação popular atualmente é formada por várias teorias que decorreram da mesma fonte (Paulo Freire) e que hoje formam um mosaico de teorias e de práticas. Entretanto, mesmo que proponham por caminhos diferentes, elas têm em comum o mesmo objetivo: o compromisso com os mais pobres, portanto, com a emancipação humana.

#### **4. EDUCAÇÃO POPULAR E EMANCIPAÇÃO NAS PERIFERIAS URBANAS**

A Educação como vimos no início deste artigo, possui diferentes significados que articulam-se entre si. Nesse sentido, é fundamental que possamos entender que Paulo Freire entende como uma educação que não se restringe apenas a forma de transmitir conhecimentos, reproduzindo a lógica do ensino meritocrático, competitivo, tradicional, no qual os educandos sintam-se pressionados em compreender o conteúdo programático anulando qualquer outra forma de aprendizagem que não seja dentro de sala de aula.

A educação para Freire, segundo afirma Zitkoski (2006, p. 28), “deve ser trabalhada intencionalmente para humanizar o mundo por meio de uma formação cultural e da *práxis* transformadora de todos os cidadãos sujeitos da sua história”.

Desta forma, entende-se que a educação deve ser praticada de uma maneira libertadora, cultural e política.

Além disso, em diálogo com Faundez (1985), Freire afirma que a educação emancipadora estimula a curiosidade, que leva ao questionamento e a pergunta. Neste sentido, as práticas de cada professor deve-se basear numa pedagogia da pergunta, do raciocínio lógico e do questionamento, e não de respostas prontas. Assim, a educação baseada na teoria freireana possui um caráter ainda maior do que a educação tradicional, ela representa a libertação dos indivíduos.

É sabido que a educação popular nasceu de uma época conturbada na perspectiva política, trazendo dessa forma muitos elementos presentes em uma prática de educação com viés democrático, libertador, dialógico, entre outros. A educação popular teve como princípio, a contraposição da educação bancária reproduzida nas escolas daquela época.

Como base epistemológica, Freire foi o grande propulsor de um novo método (educação libertária), sobretudo, na educação de jovens e adultos. Nessa perspectiva, a educação popular tem como característica esta epistemologia que baseia-se no respeito e reconhecimento do senso comum que trazem consigo saberes de práticas cotidianas, problematizando-o, como parte de um processo de descoberta de teorias baseadas na prática popular, fazendo desses saberes práticas de cunho científico, unitário, cada vez mais estimulando o raciocínio (GADOTTI, 2015).

Neste processo, a educação formal e a não formal por vezes constituem de fronteiras muito rígidas, uma vez que esses saberes monoculturais do passado, voltados para si mesmos, etnocêntricos, desprezavam o “não formal” como “extra-escolar”, ao passo que os currículos interculturais de hoje reconhecem a informalidade como uma característica fundamental da educação.

Inspirado no trabalho de Paulo Freire na década de 60, a conscientização foi o principal elemento pertencente a este método, pois a partir dele, os educandos poderiam entender o seu papel enquanto indivíduos em diferentes esferas da vida, como profissional, pessoal, e principalmente, enquanto classe, partindo do viés econômico. Para Gadotti (2012, p. 15):

A prática e a reflexão sobre a prática da educação popular, levou a incorporar outra categoria não menos importante: a da “organização”.

Porque não basta estar consciente, é preciso organizar-se para poder transformar.

É preciso compreender que o método educacional proposto, baseia-se também na participação de toda a comunidade escolar, incluindo portanto, a participação dos pais e mães dos educandos, para que possa ser possível materializar em sua plenitude a finalidade do método. Conforme evidencia GHIGGI (2010, p.113):

Freire produz a educação com as classes populares e a serviço delas, coordenando, no seu tempo, uma nova orientação curricular, desde a experiência coletiva de construção de princípios curriculares, materializando o caráter ideológico e político do projeto pedagógico, o que possibilita mudanças na educação através da participação popular, dos ciclos de formação, da leitura da realidade e da formação permanente.

Desse modo, a educação freireana tem como principal característica: sua função social de transformar a vida dos educandos em pessoas críticas, que possibilitam serem sujeitos do seu conhecimento e aprendizagem, que possam ter autonomia para fazer escolhas e decidir sobre suas ações sociais e educacionais. Isto é, a educação na perspectiva freireana tem, por sua vez, produzir um caráter emancipatório dos indivíduos.

O termo Emancipação está presente em diversas literaturas de Paulo Freire. Dessa forma, é importante entendermos o sentido amplo da palavra. Segundo o dicionário Michaelis (2018), emancipar possui significados de: Ação ou efeito de emancipar(-se); Movimento de libertação; alforria, independência. Ou seja, possui um caráter de liberdade do indivíduo. Além disso, para o dicionário online de língua portuguesa, emancipação significa: Ação de deixar de estar sob a tutela dos pais: emancipação de menores. Ação ou efeito de emancipar, de se tornar livre. No sentido etimológico da palavra, pode-se entender que o indivíduo torna-se livre de algo, como a emancipação dos pais, a liberdade de ter independência financeira, psicológica ou da escravidão.

Tratar de Emancipação na perspectiva freireana, é falar das mais variadas formas de opressão existente na sociedade, assim como as formas de dominação da sociedade capitalista como a exclusão social, como aponta Freire (2000), “é falar de pessoas que vivem de grandes necessidades materiais, de subtração subjetiva e

que acabam por ter ausência da alegria de viver, da conscientização principal para conseguirem encontrar a liberdade, a felicidade e a cidadania que desenha democracia.”

Para tanto, o processo emancipatório tem como característica a intencionalidade política que baseia-se num pensamento voltado para a transformação social. Além disso, a emancipação faz parte de um processo de libertação que tem como princípio fundamental o processo de conscientização. Segundo Freire (1980):

A conscientização implica, pois que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica. A conscientização é, nesse sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “des-vela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação-reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou transformar o mundo que caracteriza o homem (FREIRE, 1980, p.26).

Dessa forma, a conscientização apresenta-se como fundamental elemento para garantir o processo emancipatório, ou melhor, somente a partir do momento que o indivíduo passa a ser consciente das opressões que lhe atravessam enquanto indivíduo pertencente a uma classe social, entendendo como funciona as relações opressoras que tem raiz no sistema capitalista, ele terá condições de compreender qual o papel e/ou função de cada elemento pertencente nos espaços e classes distribuídas e que formam a sociedade.

Nessa perspectiva, o processo emancipatório só pode ser mantido através da *práxis* humana, pertencente na busca inesgotável na luta libertadora como aponta Freire (1987, p.30), “só faz sentido se os oprimidos buscarem a reconstrução de sua humanidade e realizarem a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e os opressores”.

É necessário existir a articulação interminável de três eixos elementares no processo emancipatório, que são: a política, a educação e a emancipação. Pois é

indispensável em pensar em transformação social e libertária e não pensar na luta de classes como aponta Zitkoski (2011, p.12):

No atual contexto latino-americano embate colocado para o campo da esquerda e, portanto, para as forças políticas progressivas é a luta contra a hegemonia neoliberal e, igualmente, a construção de alternativas a esse projeto que está levando à barbárie o mundo todo.

Nesse sentido, é importante destacar um dos elementos vinculados ao projeto emancipatório que é denominado de multiculturalismo. Freire aponta que o processo emancipatório só é eficaz se entendermos que há diferenças que estão presentes em toda a sociedade, como por exemplo as diferenças culturais. Além disso, aponta para uma sociedade no qual tais diversidades possam ser respeitadas, no qual entende-se como condição fundamental a busca por uma sociedade democrática, igualitária e justa.

Nos dias atuais, a implementação da educação visando a sua finalidade social, que é emancipar os sujeitos, deve ser direcionada ao local onde se faz presente o seu público-alvo e onde acentua-se as consequências da relação opressora oriunda do sistema capitalista. Estes sujeitos e marcadores sociais estão presente nas grandes áreas periféricas, aqui tratadas especificamente como periferias urbanas.

As periferias urbanas possuem um histórico de ocupação que partem do período de transformação social dos espaços, a partir das áreas rurais. De acordo com Corrêa (1986, p.1), as periferias urbanas possuem características, tais como: “a) áreas que se acham urbanizadas e nos limites do espaço urbano contínuo; b) áreas onde a urbanização ainda é incipiente, coexistindo com áreas de agricultura, ora intensiva, ora extensiva, ou então marcada por uma forte esterilização”, caracterizando assim as chamadas periferias rurais-urbanas.

Com o tempo e a chamada urbanização do processo capitalista, originou-se os chamados subúrbios integrados ao espaço urbano, posteriormente denominadas de periferias urbanas. Desse modo, elas possuem características advindas do processo histórico de cada época, e também seu papel social de acordo com as especificidades de cada local.

As periferias urbanas tem se tornado ferramentas de práticas territoriais das classes dominantes. São ferramentas e práticas que tem como objetivo utilizar para os devidos fins de carácter capitalista: acumulação de capital, através da incorporação e produção imobiliária, seja através da mão de obra, seja através da extração de terrenos baratos para a construção e efetivação de indústrias e diversos serviços atribuídos nessas empresas. Além disso, e não menos importante, tem como consequência o controle social com base na reprodução de segregação das diversas classes sociais inseridas no espaço.

A partir deste contexto, podemos inferir a necessidade da educação libertária nesses espaços, uma vez que é neles que evidencia-se as profundas consequências originadas pelas relações que o sistema vigente impõe. A perspectiva freireana baseada numa lógica que visa o indivíduo como sujeito de sua própria realidade, ou melhor, seja protagonista do seu processo de socialização de conhecimentos abre espaço para que os indivíduos que vivem nestes territórios possam tomar a frente da produção do seu conhecimento, haja vista que é nesse perímetro em que o acesso à educação formal é precário e a iniciativa de educação informal é muitas das vezes marginalizadas.

Nas periferias urbanas surgem através de iniciativas de movimentos sociais ações que visam o fortalecimento da cultura popular como grupos de hip hop, equipes de tecnobrega, grupos de dança entre outros, que retratam a realidade em em que estão inseridos e que transmitem o seu desejo de mudança. O fortalecimento dessas iniciativas geram a população periférica uma identidade que proporciona ao indivíduo a construção do conhecimento como protagonistas e não como seres que precisam ser adaptados a uma cultura dominante.

Para além do carácter cultural, é nos seios da periferia que surgem projetos como o rede nacional de cursinhos populares Emancipa, que visa suprir uma demanda recorrentes nessas áreas: A possibilidade de acesso às Universidades. Cursinhos populares que são estruturados segundo os moldes educacionais propostos por Freire, que valorizam o conhecimento existencial de cada sujeito e que através da teorização de suas práticas possibilitam os jovens aplicar a sua produção manual e intelectual para buscar informações a nível superior e além de possibilitar que estes ocupem as instituições públicas para que o conhecimento

produzidos nela possam retornar como ferramenta de transformação social para os locais que residem.

É nas periferias que surgem iniciativas que visam a contra hegemonia posta nas grandes mesas de debate das universidades. Iniciativas como o Projeto Tela Firme que, localizado em uma das grandes periferias de Belém, a Terra Firme, visa democratizar o acesso às mídias que retratam a vida das pessoas que ali vivem na tentativa de mostrar a realidade de um bairro onde o acesso a educação de qualidade é negado, a segurança pública é utilizada como ferramenta de criminalização e extermínio da população jovem e negra, a saúde é utilizada como instrumento mercadológico e não preventivo, e a falta de saneamento básico coloca as famílias em situação sub humana e degradante.

Iniciativas como estas supracitadas são frutos materializados na realidade da teoria que Freire construiu e que direcionou a educação como um ferramenta não somente de caráter funcional e formal, mas que possibilitou a criação de instituições que visam emancipar os seres humanos por meio da conscientização, descriminalização e valorização dos saberes populares tão importantes para construção de um conhecimento que representam as massas populares e façam com que estes tenham uma raiz e uma função na sociedade.

Reafirmam a teoria freireana que trata como o princípio de que cada sujeito possui conhecimentos não menos importantes do que o outro, e que por exemplo ser utilizada em uma relação dialógica entre educador-educando por via formal e fomentando a construção informal como forma de organização educacional horizontalizada.

Na UFPA, é possível identificar a grande responsabilidade de iniciativas que visam atender as demandas sociais emergentes destas áreas, como por exemplo a primeira clínica de atenção à violência que atende majoritariamente pessoas que vivem em periferias, sujeitos que possuem vulnerabilidade sócio-econômica e que necessitam de atendimento especializado e que por serem moradores destes locais, tem seus direitos negligenciados pelo Estado e pelo sistema. Assim, como assistência médica feita pelo Hospital, Betina Ferro, como também o atendimento psicológico feito pela clínica de psicologia, são formas de suprir necessidades dessas populações.

Iniciativas como estas estão presentes em todo o território brasileiro, são originadas por vontade popular, que empoderadas pelas contribuições de Freire puderam efetivar a teoria em sua prática existencial.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo se propôs a apresentar as contribuições de Paulo Freire para se pensar uma educação popular presente nas periferias urbanas e como elas podem ser utilizadas para suprir as demandas presentes nestes territórios.

Para isso, houve a necessidade de apresentar as concepções de educação presentes na sociedade, divididas segundo o pensador como educação bancária e libertária. Admitindo como educação bancária, aquela que trata a educação como forma de transmissão de conhecimento verticalizada, colocando o profissional da educação como detentor de conhecimentos que devem ser depositados nos seus alunos, sujeitos que considerados como vazios, necessitam de informações acerca do mundo. Esta transmissão de conhecimentos é feita essencialmente por via formal, como creches e escolas, e que avaliam a eficácia do método por via dos resultados obtidos.

Por outro lado, apresenta-se a noção de educação libertária estruturada nos pilares apresentados por Freire que a defende como método que tem como objetivo libertar o ser humano por meio de uma relação dialógica entre educador e educando, superando a visão verticalizada e propondo uma socialização de conhecimentos horizontalizada e de forma dialética. Este modelo ultrapassa a noção de instrução funcional e passa admitir a educação como ferramenta de conscientização de sujeitos, no movimento dialético que os leva a tomar consciência de si, dos outros e do meio em que está inserido. Utilizando conhecimentos pré estabelecidos por experiências vivenciadas como mediatizador da relação dialógica entre educador e educando que, a partir deste modelo, são postos de forma nivelada como sujeitos cognoscentes frente ao objeto cognoscível.

Através da formulação e do direcionamento dado por Freire, foi possível pensar a materialização dessa noção através da Educação Popular que consiste na efetivação da educação pensada nos moldes freireanos. Esta educação popular visa

romper com as diferenças postas entre educação formal e não formal, as colocando em um mesmo patamar de importância para a construção de conhecimentos. Além de fomentar a valorização dos saberes populares e utilizar estes como alicerce do processo educacional, rompendo com a visão de sujeitos vazios e utilizando os conhecimentos trazidos pelos indivíduos como prática a ser teorizada, trabalhada, e discutida, fomentando temas geradores de conhecimentos que tem o objetivo de complementar, reformular e debater os pré existentes.

Sonhamos com uma escola que, por séria, se dedique ao ensino de forma competente, mas, dedicada, séria e competentemente ao ensino, seja uma escola geradora de alegria [...] Sonhamos com uma escola realmente popular, que atenda, por isso mesmo, aos interesses das crianças populares [...] a escola pública que queremos: séria, competente, alegre, curiosa.

Escola que vá virando o espaço em que a criança popular ou não, tenha condições de aprender e de criar, de arriscar-se, de perguntar, de crescer (FREIRE, 1995, p.37 e 42)

Esta educação popular proporciona aos educandos o papel de protagonistas na construção de seus conhecimentos, lhes cedendo autonomia necessária para pensar-se criticamente acerca dos conteúdos debatidos dentro e fora de salas de aulas e escolas. Pode também verticalizar as formas de conhecimentos (popular, científico, técnico, etc) e propor a construção de conhecimentos unitários que englobam a utilização dessas várias formas de educação.

O caráter participativo e protagonista dos sujeitos os leva a uma inevitável emancipação dos indivíduos no qual fazem parte do processo de conscientização, adquiridos a partir das relações dialógicas que são frutos das práticas educacionais advindas do método freireano, a educação popular. A emancipação faz parte do processo de libertação política, cultural, humana e social dos oprimidos no qual o indivíduo tem a possibilidade de enxergar as várias práticas de opressões, trazidas destas relações de opressor-oprimido.

Tomar consciência do papel em que ocupam na sociedade, tomar consciência dos outros e consciência da consciência possibilita a emancipação com viés cada vez mais crítico e transformador, é por isso que pode-se concluir que a função social da educação proposta por Freire é a emancipação. O que nos levou a grande questão: Onde este processo emancipatório se faz presente? Como é

possível que ele possa viabilizar as soluções de problemas enfrentados pela classe oprimida? É portanto, neste questionamento que reside a relação abordada neste artigo, que correlaciona a teoria freireana e as periferias urbanas tendo em vista que este espaço apresenta-se como necessário para implementar iniciativas que decorrem do direcionamento dado por Freire para o processo educacional.

É nas periferias urbanas que concentram-se as consequências do processo excludente do capitalismo. Nesses territórios, há a presença da negligência do Estado ao atendimento das necessidades básicas do ser humano como o saneamento básico, a segurança, acesso a saúde, educação, cultura, esporte e lazer. Ao contrário, quando o sistema age nessas áreas, ele utiliza-se do aparato estatal para cada vez mais marginalizar as massas populares periféricas, além de promover o controle social e intensificar a segregação social entre as classes sociais.

Por isso, é no seio das periferias urbanas que surgem iniciativas populares por meio de movimentos auto organizados que buscam suprir as necessidades básicas da população, procurando fortalecer a população através da valorização da cultura, o fortalecimento e o fomento à criação de projetos sociais, pois é por meio destas ferramentas que é possível pensar-se em uma emancipação dos sujeitos e a descriminalização por meio da conscientização, que nada mais são do que a reafirmação da teoria freireana presente no cotidiano de jovens e adultos da classe trabalhadora.

É nesse contexto, que este trabalho conclui que a contribuição de Paulo Freire consiste no novo direcionamento em que a educação se deu após a formulação de uma educação libertária, que possibilitou que houvesse grandes transformações sociais oriundas de iniciativas contaminadas por uma ideologia freireana, tornou possível ações emancipatórias presentes nas regiões urbanas que mais necessitam dessa forma de empoderamento.

Portanto, é necessário e urgente que cada vez mais possa-se incentivar e fortalecer projetos como os apresentados neste artigo (cursinhos populares, hospitais públicos, atendimento jurídico especializado) para que através da transformação e o preenchimento de lacunas sociais, seja possível pensar-se em

uma sociedade boa, justa e igualitária para todos, assim como afirma Ricardo (2017, p.8) que compreende que:

“este processo é também uma dimensão utópica que depende de outros projetos sociais dando continuamente na ação e na transformação da realidade. O processo pelo qual se faz continuamente é a inserção do sujeito oprimido na luta pela libertação dessa opressão.”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone. **El pensamiento Político de la Derecha**. Buenos Aires, Ediciones Siglo Veinte/S.R.L., 1963.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A periferia urbana**. Geosul, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 70-78, jan. 1986. ISSN 2177-5230. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12551>>. Acesso em: 05 jan. 2019.

**DICIONÁRIO DO AURÉLIO**. Verbete “Educação”. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com/educacao>>. Acesso em: 29 de Dezembro de 2018.

**DICIONÁRIO MICHAELIS BRASILEIRO DA LÍNGUA PORTUGUESA**. Verbete “Educação”. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/educa%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em: 29 de Dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. Verbete “Emancipação”. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/dicion%C3%A1rio/>> Acesso em 03 de Janeiro de 2019.

**DICIONÁRIO ONLINE DE LÍNGUA PORTUGUESA**. **Significado de Emancipação**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/emancipacao/>> . Acesso em 03 de Janeiro de 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e Prática da Libertação, uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire**. São Paulo:Cortez & Moraes, 1979.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. 2000. “**Pedagogia da Indignação**”- cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed UNESP.

\_\_\_\_\_. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 2. ed. São Paulo: Olho D’água, 1993.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Que Fazer: Teoria e Prática em educação popular**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. Revista IBC, nº 7, 2017. Disponível em: <<http://revistaibc.blogspot.com/2017/07/emancipacao-na-perspectiva-de-paulo.html>> . Acesso em 05 de Janeiro de 2019.

GADOTTI, Moacir. **Revista Trimestral de debate da FASE**. Ed. nº 113.

GHIGGI, Gomercindo. **Paulo Freire e a revivificação da Educação Popular**. Educação, Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 111-118, maio/ago. 2010

RITTER, Carlos. **Revista Geografar: VII Seminário interno de pós graduação em Geografia**. Curitiba, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 4ª edição. Campinas: Autores Associados, 2013.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia Científica**. 23 ed. n. 112 São Paulo: Cortez, 2007.

STRECK, Danilo Romeu. **ENTRE EMANCIPAÇÃO E REGULAÇÃO: (DES)ENCONTROS ENTRE A EDUCAÇÃO POPULAR E OS MOVIMENTOS SOCIAIS**. In: Sessão especial da 32ª Reunião Nacional da ANPED intitulada Sociedade, Cultura e Educação: Novas Regulações?, Caxambu-MG, 2009. Disponível em:< [http://32reuniao.anped.org.br/sessoes\\_especiais.html](http://32reuniao.anped.org.br/sessoes_especiais.html) >

ZITKOSKI, J. J. **Paulo Freire e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.